



7<sup>th</sup> INTERNATIONAL  
CONFERENCE ON  
ILLUSTRATION  
& ANIMATION  
**14-16 JUNE**  
VIANA DO CASTELO  
PORTUGAL





**7<sup>th</sup> INTERNATIONAL  
CONFERENCE ON  
ILLUSTRATION  
& ANIMATION  
14-16 JUNE  
VIANA DO CASTELO  
PORTUGAL**

Publisher / Editor: Instituto Politécnico do Cávado e do Ave  
Address / Morada: Vila Frescaíña, S. Martinho,  
4750-810 Barcelos, Portugal  
June 2019  
ISBN: 978-989-54489-0-6  
7th International Conference on Illustration and Animation  
7 ed. Conferência Internacional em Ilustração e Animação  
Editorial Design / Design Editorial · Cláudio Ferreira  
Pagination / Paginação · Manuel Albino  
Cover Design / Design da Capa · Jorge T. Marques  
Printing (printed version) / Impressão (versão impressa): Norprint - *a casa do livro*

## «Rio Acima» – Travessias da Ilustração no Livro-Álbum e Ecoliteracia

Dulce Melão<sup>1</sup>

dulcemelao@esev.ipv.pt

[Illustration / Ilustração]



### Abstract

Curriculum changes in primary education give greater emphasis to global citizenship and sustainable development, calling for wider literate worldviews, thus encompassing new ways of dialoguing with Nature. Drawing on the framework of such challenges, this paper aims to shed some light on the major role played by illustrations in *Along the River*, by Vanina Starkoff, to foster ecoliteracy, transforming reading into a deep aesthetic experience. While listening to the visual narrative, we will focus our attention on the picturebook peritextual features, in dialogue with the goals established for literary education and environmental education, one of the threads of citizenship education in the core curriculum for primary education, in Portugal. We conclude that ecological sustainability can harbour care, through shared reading practices entailing a delicate and harmonious understanding of the multifaceted challenges our relationship with Nature encompasses.

### Keywords

Illustration, Picturebook, Ecoliteracy, Citizenship.

### 1. Introdução

No atual contexto escolar, marcado por ritmos céleres que, muitas vezes, são inibidores de uma reflexão aprofundada sobre as diferentes formas de nele morar, a literatura de potencial receção infantojuvenil desempenha, em nosso entender, um papel de crescente relevância, reconhecido na literatura de especialidade [1] [2]. Nas incertezas de que hodiernamente se reconstróem os nossos quotidianos, o livro-álbum contemporâneo tem vindo a instituir-se enquanto porto de abrigo de deleite e de fruição para os leitores, muito contribuindo, nesse sentido, o carácter fulcral da ilustração [3] [4] [5]. Objeto de atenção crescente, a nível nacional e em contexto internacional, pelas múltiplas dimensões em que se desdobra, o livro-álbum tem recebido, também, alguma atenção, pelo seu contributo para a promoção da ecoliteracia [6] [7].

Na recente revisão da literatura sobre o aparato conceptual respeitante aos termos literacia ambiental, literacia ecológica e ecoliteracia, McBride, Brewer, Berkuwitz e Bornie (2013) [8] destacam o relevo atual adquirido por esta última, à escala internacional, conglomerando competências cognitivas e emocionais, numa rede de interconexões assentes na

<sup>1</sup> Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, Departamento de Ciências da Linguagem, Viseu, Portugal.

pedagogia para a sustentabilidade. Capra, nos seus estudos considerados basilares para a definição de ecoliteracia [9] [10], explicita que «During more than three billion years of evolution, the planet's ecosystems have organized themselves in subtle and complex ways so as to maximize sustainability. This wisdom of nature is the essence of ecoliteracy» [11]. Recentemente, Orr (2018) reforçou a importância de cultivar « (...) an affinity and unwavering attachment to life, along with an articulate ecologically literate worldview that together informs attitudes, opinions, and behaviour» [12]. Como sintetizam Ramos e Ramos (2013), na reflexão que realizam sobre ecoliteracia e literatura para a infância, «A ecoliteracia é a capacidade de os cidadãos desenvolverem um tipo de pensamento favorável à desconstrução do paradigma antropocêntrico que caracteriza as sociedades ocidentais e as suas consequências mais diretas» [13], tendo em mente que a sustentabilidade envolve a comunidade como um todo, exigindo e apelando à cooperação.

No que ao entrelaçamento da literatura para a infância e a ecoliteracia dizem respeito, importa destacar, em Portugal, o projeto de investigação «Ambiente e ecoliteracia na novíssima literatura para a infância», (acolhido pelo Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho), da responsabilidade dos investigadores Rui Ramos e Ana Margarida Ramos, visando «(...) identificar as linhas de interseção entre os planos estético e lúdico da *Literatura para Crianças e Jovens* e a as suas virtualidades pedagógicas, especificamente no que toca à *ecoliteracia*» [14].

Investigação tendo como foco principal de atenção a literatura para a infância em geral e o livro-álbum, em particular, permitiu, igualmente, lançar luz sobre os seus entrelaçamentos com a ecoliteracia [15] [16] [17] e as consequências que daí decorrem no que se refere à fruição da leitura, por parte dos leitores, bem como as suas possíveis repercussões para uma maior e melhor compreensão do seu papel para a participação em exercícios de cidadania global mais ativos.

Os aspetos supramencionados encontram, também, ecos, nos documentos curriculares em vigor em Portugal, entendidos na sua articulação, aos quais acrescem documentos orientadores, de natureza flexível, como o *Referencial de Educação para o Desenvolvimento* (2016) [18] e o *Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade* (2018) [19], ambos no âmbito da dimensão transversal da Educação para a Cidadania. No primeiro, no que respeita a um dos temas globais identificados - «Cidadania Global» - é explicitado, por exemplo, que os alunos/as alunas devem ser capazes de «(...) refletir criticamente sobre si próprios e sobre os outros, e de fazer escolhas quanto aos compromissos que querem partilhar no quadro de uma Cidadania Global» [20], valorizando a diversidade das pessoas e dos outros seres da Natureza, cuidando-a e respeitando-a. No segundo referencial supracitado é sublinhada a relevância da «(...) sensibilização, de promoção de valores e de mudança de atitudes e de comportamentos face ao ambiente, numa perspetiva do desenvolvimento sustentável» [21].

Recentemente, as *Aprendizagens Essenciais* (AE) referentes ao Ensino Básico (2018) [22] destacaram a componente «Cidadania e Desenvolvimento» (CeD), entendida enquanto área de trabalho transversal no 1.º

Ciclo do Ensino Básico. O «Desenvolvimento Sustentável» e a «Educação Ambiental» são dois dos domínios obrigatórios para todos os níveis e ciclos de escolaridade. A componente CeD «(...) visa contribuir para o incremento de atitudes e comportamentos, de diálogo e respeito pelos outros, alicerçados em modos de estar em sociedade que tenham como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social» [23].

Face ao referido, apresentamos, na seção seguinte, propostas de travessias do livro-álbum *Rio Acima* (2017) [24], de Vanina Starkoff, no entendimento de que a ilustração aí reencontra lugares e espaços que ampliam dimensões da ecoliteracia, encarando a leitura e a literatura enquanto pilares fundamentais da educação para a cidadania. Em tal percurso, no que respeita à metodologia adotada, privilegiaremos: i) a análise dos elementos peritextuais da obra, na esteira de Genette [25] [26], em diálogo com os objetivos traçados no âmbito da educação literária e da educação ambiental, enquanto área temática enquadrada na educação para a cidadania; ii) a indagação do modo como as ilustrações instigam deambulações que perpetuam movimentos de renovação e de retorno à narrativa visual, convidando os leitores ao estabelecimento de inferências e ao aprofundamento do prazer de ler; iii) a exploração da reescrita da representação do tempo enquanto fio condutor das travessias que encontram na passagem das estações do ano o motivo para a consolidação da experiência de leitura enquanto experiência estética particularmente apelativa, pelo contributo dos itinerários traçados pela ilustração.

## 2. Propostas de Travessias, Rio Acima

*Rio Acima* (Starkoff, 2017) [27], da autoria da designer gráfica argentina Vanina Starkoff e publicado pela Orfeu Negro, é recomendado pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) nas listas relativas ao 1.º semestre de 2018 [28], surgindo, aí, enquadrado na área temática da Literatura, no âmbito da faixa etária dos 3 aos 5 anos. Trata-se de um livro-álbum quase sem palavras que cativa pela sua ampla luminosidade, envolvendo os leitores de forma intensa e particular, independentemente, cremos nós, da sua idade. A simplicidade complexa de que se reveste é, em nosso entender, a principal razão da beleza e da poesia que irradiam da sua leitura, convidando à plena comunhão com a Natureza e à serenidade – lembrando-nos, à medida que prosseguimos rio acima, que «(...) nature sustains life by creating and nurturing communities» [29].

### 2.1. Embarcações do Olhar – Navegando nos Peritextos

O acolhimento da capa é avassalador na miríade de cores que pululam no «barco-casa» batizado de «Rio Acima» (coincidindo com o título da obra). O olhar dos leitores é, desde logo, chamado a convocar forças para poder abarcar: i) a diversidade de plantas que encontram casa em vasos de tamanhos e de cores diferentes (verde, azul e cor-de-rosa convivem em harmonia); ii) as galinhas que ora sossegam no galinheiro, ora deambulam pelo barco, a admirar a paisagem; iii) uma guitarra à espera de ser tocada; iv) pequenas fatias

de bolo bem acomodadas ao lado de garrafas de água, morangos e vegetais; v) as «cortinas» vermelhas, estampadas de belas flores azuis, que contribuem para criar uma atmosfera acolhedora; vi) a ampla «janela» aberta que possibilita apreciar a cozinha onde um homem e um gato, partilhando a confeção de uma refeição (bem como a *t-shirt*, de padrão idêntico, que trazem vestida) acenam alegremente a alguém. Como sublinha Mia Couto [30] «O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora».

Céu e rio partilham a mesma cor – o amarelo-solar – unindo-se; o branco selecionado para as aves e para os peixes cria um contraste invulgar que possibilita chamar a atenção para a relevância da convivência harmoniosa de todos, no mesmo espaço.

O nome da autora e o título da obra estão impressos no barco que navega na capa, de forma original: no primeiro caso, através de um letreiro pendurado no topo do barco (com as letras brancas a sobressair no fundo verde, unido aos restantes elementos desenhados); no segundo caso, por ser, ao mesmo tempo, o nome que identifica o barco. Assim, os leitores são convidados a prosseguir, rio acima, na companhia da autora/ilustradora, aceitando, implicitamente, os desafios de tal travessia.

Na contracapa, os leitores deparam-se com o barco «Sou Feliz», imbuído da paleta cromática vibrante que caracteriza este livro-álbum. De novo o primor do detalhe se revela como característica fulcral da harmonia desenhada na proporção do equilíbrio conseguido pela coleção de catos que moram naquele barco – mas também no coração da mulher que acena do convés, com um top cor-de-rosa, no centro do qual está estampado um coração branco com um pequenino cato azul. João Pedro Mésseder recorda-nos que «Como tudo o que cresce na terra / o cato é bom e tranquilo. / Não é ele que te pica, / mas tu que nele te picas» [31] e Simona Ciraolo ensina-nos que os catos podem partilhar abraços, enfatizando a importância da singularidade de cada um e da empatia com os demais [32].

Tal empatia ressoa, igualmente, em outros elementos comuns ao barco que navega na capa – tal como as galinhas, um gato a acenar (desta feita, ao colo da dona) e as «cortinas» a condizer com o vestuário da mulher – que reforçam, implicitamente, a conceção ecocêntrica «(...) segundo a qual o homem se encontra integrado num sistema biológico complexo, cujo equilíbrio deve constituir uma aspiração individual e coletiva» [33].

As guardas iniciais do livro abrem-se num imenso mar-sol no qual uma pequena canoa cor-de-rosa, denominada «Coração», ostenta o letreiro «Aqui tá-se bem». Ao ritmo dos sons da guitarra que um menino toca, enquanto o pai se responsabiliza pelo remo azul, seguem, ainda, três galinhas. O pequeno pato branco que parece acompanhar a melodia assegura a relevância do detalhe inusitado para a fruição na leitura.

A dedicatória do livro-álbum, «Para todas as belas almas que encontrarei rio acima...», incute o apelo da travessia, alicerçada, desta feita, pela brancura dos peixes, de vários tamanhos e por uma pequena tartaruga – ambos ondulando na página, serenamente.

## 2.2. Idas e Vindas – Deambulando no(s) Movimento(s) da(s) Página(s)

O carácter imensamente belo desta narrativa é conseguido através do cuidado que a autora/ilustradora inculcou no seu labor criativo, na medida em que vai deixando os leitores participar ativamente na redescoberta da Natureza, levando-os a acompanhar os ritmos do rio e dos que nele se atravessam. O uso reiterado das reticências que vão unindo as curtas sequências verbais que repousam, concomitantemente, no céu e no mar que as páginas unem e conciliam, incute, também, um ritmo doce ao desenrolar da narrativa. Tais curtíssimas sequências verbais dão, pois, palco às ilustrações no espaço imenso da página dupla que muito contribui para criar complicitades (in)esperadas com os leitores

Importa sublinhar, no (re)início da viagem, os modos como a ilustração mostra como «Rio acima, todos vão...», reverberando o título da obra. Os dois «barcos-casa» da capa e da contracapa reencontram-se e vão ao encontro dos leitores, à semelhança da pequena canoa cor-de-rosa. Deste modo, «todos vão», entretecendo-se numa rede de movimentos que ressoa na diversidade de formatos e de cores dos barcos apresentados (barcos de recreio, barcos de pesca, barcos do que a nossa imaginação quiser...).

A sequência verbal «...de barco, de batel ou de canoa», completando o sentido da primeira (que destacámos no parágrafo anterior), corresponde à apresentação, em grande plano, do barco «Sorriso Bonito» que é, ao mesmo tempo, «cantinho di mha flor», ostentando, em pequeno letreiro, a mensagem «QUER o BEM/PLANTA o BEM/o RESTO VEM». A importância do bem-estar é, assim, abertamente corroborada, ganhando maior fôlego no barco de proporções generosas no qual várias pessoas partilham, alegremente, refeições em conjunto. Adicionalmente, o batel «Escolinha da felicidade» que percorre a mesma página dupla com vários meninos/as a acenar, incute um ritmo involuntariamente sereno ao espaço, habitualmente fechado, em contexto escolar, alicerçando o sentir como necessidade e como direito.

O apelo a que cada um navegue ao seu ritmo – muitas vezes negado na sociedade atual – na partilha harmoniosa dos ritmos que o rodeiam, respeitando-os, fica particularmente vincado quando os leitores se cruzam com outro barco («Amor de mãe») no rio que também atravessam. A pletera de sensações visuais e auditivas proporcionadas pela visão e pela escuta de diferentes instrumentos musicais (por exemplo, guitarras, tambores, pandeiretas) partilhados por homens, mulheres, crianças e vários gatos é uma espécie de sinfonia do acolhimento que encontra eco na valorização do «(...) exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático» [34].

## 2.3. Ritmos da Travessia – Reescrevendo Tempos

A passagem das estações do ano – primaveras, verões, outonos e invernos, registadas no plural para bem vincar a sua pluralidade e a sua diversidade – é alvo de particular atenção neste livro-álbum, de forma inusitada.

No caso das primaveras, o tempo é marcado pelos ritmos tranquilos que irradiam do barco «Luz da manhã», pequeno oásis onde se multiplicam felicidades de convivência mútua, sustentadas pela árvore plantada



no barco, pelos pequenos vasos brancos, com plantas, empoleirados no toldo, e pelos ananases cor-de-rosa que, à semelhança do rapaz a acenar, dão as boas-vindas aos leitores. Pequenos instantes que cativam o olhar são delineados enquanto um exercício cuidado de atenção possibilita a descoberta de duas aranhas, num frasco, seguindo, também, rio acima, nesta «Barraca do Gimba».

Os verões são representados através de um barco que é, ao mesmo tempo, um café/bar ao ar livre. A reescrita do detalhe implica sobremaneira os leitores, de formas multifacetadas. Dois letreiros pendurados num arco-íris onde passeiam flamingos rosados dão a conhecer que se trata de «o Paraíso», conciliado com «Ama a NATUREZA». As duas árvores que crescem, livremente, no barco, integram o retrato apresentado da partilha, esboçada nos gestos e no olhar do casal de mãos dadas que conversa numa das mesas deste «barco-café» mas também no silêncio gerado através da leitura de um livro partilhado, por um rapaz, noutra mesa, com um flamingo rosado, bem como no diálogo entre outro rapaz e uma galinha (sentada à mesa, num banco, com redobrada atenção às palavras «t(r)ocadas»). A tela que daqui resulta, apreciada no seu conjunto, possibilita aos leitores colher alimento da importância da empatia com todas as formas de vida, tendo implícita o desenvolvimento de práticas que promovam, como frisam Goleman, Bennett e Barlow (2012), [35] o alargamento do seu cuidado e da sua preocupação «(...) to include a more inclusive network of relationships».

Os outonos e os invernos ganham, por seu turno, alento, na promessa do encontro entre o homem e a mulher que moram, respetivamente, nos barcos «Rio Acima» e «Sou Feliz», promessa selada no gesto de aproximação, cinzelado de afetos, representado pelo braço estendido do homem para acolher uma bebida que a mulher lhe oferece. Tal gesto encontra continuidade, na dupla página imediatamente a seguir, através da partilha de um momento de escuta particular, sendo o homem, desta feita, a abraçá-la com o seu canto (que ela, atentamente, recebe). Esta comunhão de afetos é sublinhada, de forma muito bonita, pelos peixes que circundam o barco, enlaçando-os. A ilustração revela-se fundamental para a reconstrução dos sentidos implícitos na mensagem de harmonia veiculada, possibilitando aos leitores (re)ver-se na sua luminosidade generosa. Como refere Boaventura (2013), a ilustração possibilita «(...) criar uma viagem para o olhar e além dele: abrir janelas aos sentimentos guardados entre as palavras e frases, nas entrelinhas, e vírgulas, sem pressa de chegar a um destino» [36].

Nas sequências verbais quase finais ressoa a mensagem indelével que se entretetece, porventura, ao longo das páginas do livro: «Rio acima ou mar adentro, vais acabar por encontrar/a tua maneira e o teu ritmo.../...se não deixares de sonhar» [37]. Em interação com a primeira sequência verbal apontada, a opção pela replicação dos elementos apresentados no início da narrativa (os múltiplos barcos que aí navegavam tranquilamente encontram, de novo, aqui, abrigo) permite sublinhar a progressão temporal e os ritmos da travessia, quer através dos movimentos que ecoam nas diferentes posições que os barcos ocupam na dupla página, quer através do retrato da união do homem e da mulher, de mão dada, no barco «Rio Acima». Os lei-

tores são, pois, convidados, de novo, a reviver uma experiência estética, não se tratando «(...) apenas de observar uma obra artisticamente executada (...) mas de recebê-la, percebê-la, senti-la, deixar-se levar pela emoção que aquele conjunto, artisticamente construído, provoca» [38].

A marcação dos ritmos da vida, embrenhados na travessia, é também reiterada pela conjugação de retratos de outros viajantes, como uma mãe com o seu filho às costas e uma cesta cheia de flores nos seus braços, a bordo da canoa «Estrela Morena», (gentilmente empurrada por onze patos) e cujos limites ultrapassam o limite da página, invadindo outros espaços onde se pode resguardar a imaginação.

Nas guardas finais do livro, a pequena canoa que iniciara o seu percurso nas guardas-iniciais regressa, mais adiantada, ecoando o itinerário percorrido, mas, desta vez, a melodia entoada pelo menino é escutada por muitos patos e pequenas tartarugas que terão subido, rio acima – e o convite para que os leitores continuem a travessia perdura no espaço da página, a transbordar luz, repetindo-se, serenamente.

### 3. Considerações finais

O livro-álbum que se instituiu enquanto matéria da nossa reflexão possui características inusitadas, configurando-o enquanto excelente proposta de leitura, pelos modos como dá abrigo à rede de afetos, tecida de empatia e de sorrisos, partilhada com os leitores, que nela se envolvem, paulatinamente. Nas travessias que este livro-álbum lhes dá a reconhecer, os leitores redefinem, pois, os seus passos, no que respeita a dar agasalho à Natureza no seu coração – coração que dá nome a algumas canoas que percorrem o rio e cujo bater pode ser escutado nas entrelinhas dos ritmos que o rio vai marcando.

A condição de livro-álbum quase sem palavras possibilita que os leitores se sintam mais incluídos nos movimentos da página, baloiçando-se, porventura, brevemente, nas curtas sequências verbais que oscilam ao ritmo da passagem do tempo, potenciando a apreciação do meio envolvente. O sentido da responsabilidade individual de cada um para ir ao reencontro de Outros, ecoando, em pleno, nas ilustrações do livro-álbum, é uma das dimensões da ecoliteracia potenciada pela abertura, ampla, da dupla página – opção que permite, também, gerar cumplicidades com os leitores, promovendo a empatia e o cuidado relativamente a todos os seres vivos. Tal cuidado, que reverbera e ganha fôlego, de modo intenso, no vigor sereno das ilustrações de Vanina Starkoff, metamorfoseando-se, concomitantemente, nos tons de voz da autora (que os leitores vão reconhecendo na delicadeza do traço e na harmonia das proporções que se plasmam na paleta cromática solar e transbordante de vida), contribui para consolidar uma conceção de beleza assumindo rostos diversos [39] – e corrobora o estatuto que pode assumir o livro-álbum enquanto obra de arte em inacabamento [40] [41].

As travessias do rio – que são, ainda, travessias das páginas e dos espaços que se (entre)abrem – possibilitam que os leitores se revejam em práticas de inclusão harmoniosa, entretidas da diversidade cultural e da(s) singularidade(s) de cada um, favorecendo, de modo intenso, o seu repensar.

Para além das dimensões da ecoliteracia supracitadas que se inscre-

vem, de modo muito belo, neste livro-álbum, importa frisar a relevância do sonho, enquanto forma de liberdade individual, de vivência coletiva em comunidade, mas, também, reinscrição nas constelações do sentir – no qual cintila, indelevelmente, «O recomeçar das coisas» [42].

Em síntese inacabada, entendemos, pois, que no seu todo, e de forma prolongada (sempre delicadamente), este livro-álbum nos implica por inteiro nos seus apelos, verificando-se, talvez, «(...) uma daquelas felizes coincidências em que o mundo quer olhar e ser olhado no mesmíssimo instante» [43].

## Referências

1. Kirchof, E. R. & Silveira, M. R. H.: O Pato, a Morte a Túlipa – Leitura e Discussão de um Livro Ilustrado Desafiador com Alunos dos Anos Iniciais. *Educar em Revista*, 34, 72, 57-76 (2018)
2. Kümmerling-Meibauer, B. (Ed.): *The Routledge Companion to Picturebooks*. Routledge, London and New-York (2017)
3. Ramos, A. I.: *Literatura para a Infância e Ilustração*. Tropelias & Companhia, Porto (2010)
4. Trisciuzzi, M. T.: Image and Imagination in Education. *Visual Narrative through Children’s Literature*. *Ricerche di Pedagogia e Didattica*. *Journal of Theories and Research in Education* 12, 3, 69-81 (2017)
5. Nikolajeva, M. & Scott, C.: *How Picture Books Work*. Garland, New-York (2001)
6. Ramos, A. M. & Ramos, R.: Ecoliteracia e Literatura para a infância: Quando a Relação com o Ambiente Toma Conta dos Livros. *Solta Palavra*, 19, 17-24 (2013)
7. Ramos, R. & Ramos, A. M.: Cruce de Lecturas y Ecoalfabetización en Libros Pop-Up para a Infancia. *Ocnos*. *Revista de Estudios sobre Lectura*, 12, 7-2 (2014)
8. McBride, B. B., Brewer, C. A., Berkowitz, A. R. e Borrie, W. T.: Environmental Literacy, Ecological Literacy, Ecoliteracy: What Do We Mean and How Did We Get There? *Ecosphere*, 4, 5, 1-20 (2013)
9. Capra, F.: *The Web of Life: A New Scientific Understanding of Living Systems*. Anchor Books, New-York (1997)
10. Capra, F.: *The Hidden Connections: A Science for Sustainable Living*. Anchor Books, New-York (2002)
11. Capra, F.: *The Web of Life: A New Scientific Understanding of Living Systems*. Anchor Books, New-York (1997)
12. Orr, D.: *Dangerous Years. Climate Change, the Long Emergency, and the Way Forward*. Yale University Press, New Haven and London (2018)
13. Ramos, A. M. & Ramos, R.: Ecoliteracia e Literatura para a infância: Quando a Relação com o Ambiente Toma Conta dos Livros. *Solta Palavra*, 19, 17-24 (2013)
14. Ambiente e Ecoliteracia na Novíssima Literatura para a Infância, <http://webs.ie.uminho.pt/ecoliteracia/#investigadores>
15. Ramos, A. M. & Silva, S. R. da: Da Água – Entre a Terra e o Ar – em Narrativas Visuais para a Infância. *Fronteiras*, 18, 130-147 (2017)
16. Ramos, A. M. & Ramos, R.: Ecoliteracy Through Imagery: A Close Reading of Two Wordless Picture Books. *Children’s Literature in Education*, 42, 325-349 (2011)
17. Muthukrishnan, R. & Kelley, J.E.: Depictions of sustainability in children’s books. *Environment, Development and Sustainability*, 19, 3, 955-970 (2017)
18. Cardoso, J., Pereira, L. T., Neves, M. J. (Coord.): *Referencial de Educação para o Desenvolvimento – Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Ensino Secundário*. Ministério da Educação, Lisboa (2016)

19. Pedroso, J. V. (Coord.): Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário. Ministério da Educação, Lisboa (2018)
20. Cardoso, J., Pereira, L. T., Neves, M. J. (Coord.): Referencial de Educação para o Desenvolvimento – Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Ensino Secundário. Ministério da Educação, Lisboa (2016)
21. Pedroso, J. V. (Coord.): Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário. Ministério da Educação, Lisboa (2018)
22. Ministério da Educação: Aprendizagens Essenciais. Ensino Básico. Ministério da Educação, Lisboa (2018)
23. Ministério da Educação: Aprendizagens Essenciais. Cidadania e Desenvolvimento. Ensino Básico e Ensino Secundário. Ministério da Educação, Lisboa (2018)
24. Starkoff, V.: Rio Acima. Adaptação de João Berhan. Orfeu Negro, Lisboa (2017)
25. Genette, G.: Seuil. Seuil, Paris (1982)
26. Genette, G.: La Littérature au Second Degré. Seuil, Paris (1987)
27. Starkoff, V.: Rio Acima. Adaptação de João Berhan. Orfeu Negro, Lisboa (2017)
28. Livros Recomendados pelo Plano Nacional de Leitura no 2.º Semestre de 2018. [http://pnl2027.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=230&fileName=LivrosPNL2027\\_2semestre.pdf](http://pnl2027.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=230&fileName=LivrosPNL2027_2semestre.pdf)
29. Capra, F.: Speaking Nature's Language: Principles for Sustainability. In: Michel K. Stone and Z. Barlow (eds.) Ecological Literacy: Educating Our Children for a Sustainable World (pp. 18-29). Sierra Club Books, San Francisco (2005)
30. Couto, M.: Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra, 7.ª edição. Caminho, Lisboa (2012)
31. Mésseder, J. P.: Pequeno Livro das Coisas. Ilustrações de Rachel Caiano. Caminho, Lisboa (2012)
32. Ciralo, S.: Quero um Abraço, 2.ª edição. Tradução de Rui Lopes. Orfeu Negro, Lisboa (2017)
33. Ramos, A. M. & Ramos, R.: Ecoliteracia e Literatura para a infância: Quando a Relação com o Ambiente Toma Conta dos Livros. Solta Palavra, 19, 17-24 (2013)
34. Martins, G. d'O. (Coord.): Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Básica. Editorial do Ministério da Educação e Ciência, Lisboa (2017)
35. Goleman, D., Bennett, L. & Barlow, Z.: Ecoliterate: How Educators Are Cultivating Emotional, Social, and Ecological Intelligence. Wiley, San Francisco (2012)
36. Boaventura, M. J.: Ilustrar, ilustrar-se. In: M. M. Gama-Khalil & P. F. Andrade (Ors.): As Literaturas Infantil e Juvenil...Ainda Uma Vez (pp. 59-64). GpEA/CAPES, Uberlândia (2013)
37. Starkoff, V.: Rio Acima. Adaptação de João Berhan. Orfeu Negro, Lisboa (2017)
38. Ramos, F. B. & Nunes, M. F.: Efeitos da Ilustração do Livro de Literatura Infantil no Processo de Leitura. Educar em Revista, 48, 251-263 (2013)
39. Eco, U.: Aos Ombros de Gigantes. Tradução de Eliana Aguiar. Gradiva, Lisboa (2018)
40. Lee, S.: Trilogia da Margem: o Livro-Imagem Segundo Suzy Lee. São Paulo, Cosac Naify (2012)
41. Pantaleo, S.: Learning About and Through Picturebook Artwork. The Reading Teacher, 71 (5), 557-567 (2018)
42. Ondjaki: Os da Minha Rua, 11.ª edição. Caminho, Lisboa (2017)
43. Calvino, I.: Palomar. Tradução de João Reis. Teorema, Lisboa (2009)